A negação polémica num *corpus* de diálogo

HENRIQUETA COSTA CAMPOS e CLARA NUNES CORREIA

(Universidade Nova de Lisboa)

OBJECTIVOS

Esta comunicação insere-se num estudo cujo objectivo é construir, caracterizar e etiquetar em diversos níveis um *corpus* de diálogo falado.

Esse *corpus* resultou do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto CORAL - *Corpus* de Diálogo Etiquetado, da responsabilidade de uma equipa de investigação multidisciplinar e inter-institucional que se propôs caracterizar, sob o ponto de vista ortográfico, fonético, prosódico, sintáctico e semântico, estruturas dialógicas construídas por falantes do português europeu na situação de diálogo espontâneo.

O diálogo obtido parte de trocas conversacionais entre dois falantes: o falante G, dador ou "giver", dá ao falante F, seguidor ou "follower", as indicações necessárias para que este possa construir/reconstruir num mapa um percurso semelhante ao que o falante G possui no seu mapa. Como suporte material, cada um dos falantes tem uma carta geográfica: a carta do falante G tem locais assinalados e um trajecto que liga os diferentes locais; o falante F tem uma carta apenas com alguns dos locais assinalados no mapa de A e sem qualquer trajecto marcado. (ver anexo 1, Mapas 1 e 2). Ao indicar qual o trajecto que F terá de construir, o falante G necessita de dar a F diversas indicações de forma clara e precisa. Por sua vez, o falante F necessita de confrontar com G as indicações que este lhe dá e o conteúdo do seu próprio mapa. Com a troca de informações entre os dois falantes obtém-se o *corpus* que será objecto de estudo.

A partir da análise do *corpus* assim obtido, pretende-se, do ponto de vista semântico, construir uma etiquetagem adequada aos fenómenos linguísticos relevantes que dê conta da especificidade das estruturas dialógicas.

Tendo em vista a caracterização parcial que nos propusemos fazer para esta comunicação, a análise incidiu sobre um *corpus* experimental, obtido a partir de um diálogo piloto, realizado com o objectivo de ensaiar o tema dos diálogos, a metodologia geral para constituição do *corpus* definitivo, os objectivos específicos a atingir em cada nível. A partir daí, fazem-se os necessários ajustamentos.

UM CASO DE ESTUDO

De entre os fenómenos linguísticos que podem caracterizar um *corpus* de diálogo, a negação polémica é um dos mais frequentes. No *corpus* que analisámos encontrámos quinze casos de negação polémica e dois casos de interrogativa negativa como pedido de confirmação. Nesse *corpus*, a negação pode ser tipificada nas seguintes construções: a) construção negativa na sua forma canónica – *Eu não tenho curvas*; b) construção negativa antecedida por uma estrutura intermédia em que a ocorrência é interrogada – *Passas ao vale irrigado. / Vale irrigado? Eu não tenho vale irrigado*; c) construção da existência do complementar linguístico – *Só tenho um quiosque de jornais*; d) construção de estrutura de polaridade negativa onde ocorrem os indefinidos *nada* e *nenhum* - *Não tenho nada*; e) estrutura tópico-comentário – *Centro de piscicultura não tenho.*

O objectivo deste nosso estudo é mostrar que a categoria da negação atravessa necessariamente outras categorias, particularmente, nos nossos exemplos, a determinação nominal, a tematização, a modalidade. A negação é assim apresentada como um valor resultante de encadeamentos de operações predicativas e enunciativas, em que aquelas categorias são interdependentes.[1] Por exemplo, a categoria determinação é uma das categorias gramaticais que interage com outras categorias na caracterização das diferentes construções referidas acima. Assim, os determinantes que ocorrem nas diferentes tomadas de palavra vão ser diferentes consoante as ocorrências são tematizadas ou não, consoante são negadas ou não. Ao longo de todo o diálogo verifica-se que a negação do nominal é marcada por um diferente valor de quantificação: por exemplo, as ocorrências determinadas por um indefinido, ao serem negadas, são quantificadas pelo determinante ø.[2]

Para esta apresentação, escolhemos ocorrências que resultam de diferentes tipos de encadeamentos, para os quais tentaremos, depois, propor uma generalização. Em todos os casos, através da negação polémica, o interlocutor desconstrói uma ocorrência da noção /N/ construída e validada pelo locutor.

Como já se referiu, na construção dos diálogos, o locutor G é o dador ("giver"), isto é, o que dá informação ou constrói ocorrências que o seu interlocutor F, seguidor ("follower") irá confirmar ou refutar. O número à direita da letra identifica a tomada de palavra na sequência das intervenções. Por vezes, invertem-se os papéis: é F que constrói a ocorrência que G confirma ou refuta. De uma maneira geral, a negação de uma ocorrência não tem lugar numa unica

tomada de palavra mas numa sequência de duas ou mesmo mais tomadas de palavra diferentes. A construção e desconstrução de uma ocorrência nocional[3] chega a envolver cinco tomadas de palavra, cada uma das quais corresponde a uma operação diferente. Vejamos alguns casos de desconstrução de ocorrência.

Primeiro exemplo

G6 e vais encontrar um centro de piscicultura
F7 Centro de piscicultura não tenho
F9 Aqui ao pé tenho uma grade de ferro. É a única coisa que eu tenho

- G6 constrói uma ocorrência que é uma predicação de existência. A expressão indefinida *um centro de piscicultura* marca a introdução da noção /centro de piscicultura/ no universo de referência. À extracção de uma ocorrência da classe de ocorrências de N, segue-se a sua validação por G através da sua localização no espaço referencial definido por F (*vais encontrar*);

- F7 não valida a ocorrência construída por G. Numa primeira fase, há o retorno à noção /N/, pela tematização da menção de N marcada pelo determinante ø. Em seguida F7 nega a validação de qualquer ocorrência de N, ao negar a localização do objecto anafórico nulo, recuperável no contexto, no seu próprio espaço referencial (*não tenho [disso]*). Como vemos neste e veremos noutros exemplos, o verbo *ter* é marcador da operação de localização de um termo, sendo F (ou por vezes G) o termo localizador;

- na sua tomada de palavra, F9 reforça a negação já construída, ao introduzir a primeira ocorrência de uma nova noção /N'/, ocorrência que é marcada por uma expressão indefinida (operação de extracção) e pela sua validação no espaço referencial de F (*aqui ao pé tenho uma grade de ferro*). A construção da negação termina por uma negação restritiva com esvaziamento de todas as ocorrências de N - *É a única coisa que tenho* -, em que N' é construído como o complementar linguístico de N.

Uma representação topológica elementar do domínio das ocorrências de uma noção pode tornar a descrição mais clara. Topologicamente, na sua forma mais simples, um domínio nocional[4] é constituído por

a) uma zona Interior (I), onde se situam as ocorrências validadas

b) um Exterior (E), onde se situam as ocorrências não validadas

c) uma zona Interior-Exterior (IE), anterior a toda a validação e compatível com I ou com E

d) uma Fronteira (F), que pode ou não ser construída linguisticamente.

Exemplifiquemos com a representação topológica do domínio nocional de /centro de piscicultura/. G6 constrói a ocorrência e situa-a no Interior aberto]I[do domínio. Não há construção de Exterior. F7 recoloca a ocorrência em IE, e, logo em seguida, situa-a em]E[, também aberto. Esta sequencialidade temporal corresponde a duas estruturações diferentes do domínio: IE →]E[. Finalmente, F9 reafirma a construção de E aberto, ao validar a ocorrência de N' como complementar linguístico de N:]E[=]I'[.

Segundo exemplo

G29	Na recta, tens uma recta
F30	Eu não tenho rectas
F31	Não tenho nada
G32	Tu não tens rectas?
F34	Só tenho os sítios

- G29 constrói uma primeira ocorrência do N /recta/ e valida-a, localizando-a no espaço referencial de F (*tens uma recta*). Note-se a expressão indefinida marcando a construção da existência de N (extracção e localização), em que o verbo *ter* é marcador de localização. A construção desta ocorrência merece um comentário: G inicia a sua tomada de palavra com uma expressão definida - *na recta*. Tal ocorrência teria subjacente uma ocorrência construída anteriormente, sendo o artigo definido marcador de identificação qualitativa entre as duas ocorrências. G porém dá-se conta de que nenhuma ocorrência do N /recta/ foi ainda introduzida. Reformula então o seu discurso: substitui a expressão definida por uma expressão indefinida, que marca extracção de uma ocorrência, e valida-a, localizando-a em relação a F. Como dissemos atrás, é marcador dessa localização o verbo *ter*: *tens uma recta*;

- F30 desconstrói a localização construída por G, recusando constituir-se como localizador (*não tenho*) de qualquer ocorrência da mesma noção. O N discreto plural com determinante ø - *rectas* - é marcador de uma operação de percurso, operação essa que é reforçada pelas operações subjacentes à sequência seguinte;

- F31 reforça a negação construída por F30 através de uma construção de polaridade negativa: operação de percurso de todas as ocorrências do N /recta/ situadas seja em I, seja em F, e não validação de qualquer dessas ocorrências. O

Interior (I) é construído com a sua Fronteira, isto é como um espaço fechado. Desta operação de percurso é marcador o indefinido *nada*;

- em resposta ao pedido de confirmação de G32 (interrogativa-negativa), F34 reforça de novo a negação da sua réplica anterior, construindo o complementar linguístico de *rectas - os sítios* - validado como o Exterior de N. Duas observações sobre a complementaridade entre *rectas* e *os sítios*. Trata-se de uma complementaridade pré-construída, subjacente aqui a dois tipos de formas: 1º) ao artigo definido *os*, marcando um determinado tipo de anáfora associativa. *Sítios* e *rectas* integram uma totalidade da qual só uma parte é validada - *os sítios,* que se identifica qualitativamente com o complementar de *rectas*; 2º) ao restritor *só*, com escopo sobre o SN *os sítios*, cuja existência, validada, tem, subjacente, uma classe de ocorrências não validadas do seu complementar pré-construído, neste caso, *rectas*. Note-se que este restritor não poderia incidir sobre a totalidade das ocorrências possíveis, negativas ou positivas. Os enunciados *só tenho tudo* ou *só tenho nada* seriam mal formados porque *tudo* e *nada* se situam numa zona Interior ou, respectivamente, Exterior do domínio nocional, sendo vazia a zona que constitui o seu complementar.

Terceiro exemplo

G96	Então e barracas sujas tens?
F97	Tenho, barracas sujas tenho
F99	E vou para as barracas sujas?
...	
G104	Mais barracas sujas tens?
F105	Não, só tenho umas
G106	Ah eu tenho duas barracas sujas

Analise-se agora o terceiro exemplo: no conjunto constituído pelas três primeiras tomadas de palavra não há qualquer estrutura de negação. Na primeira ocorrência do N /barracas sujas/ a determinação é marcada por ø. Nas tomadas de palavra anteriores, F pede a G que confirme a existência (ou a inexistência) de 'pontos de referência' que o ajudem a situar objectos no seu próprio mapa (F91 *Diz-me só os sítios*). Esta sequencialidade é aqui marcada pela forma linguística *então*, com valor de conector discursivo. A determinação com ø justifica-se por não haver construção da existência de N, mas um reenvio qualitativo da ocorrência à noção, isto é, a tudo o que se pode definir

como sendo /barracas sujas/. A validação das ocorrências construídas na primeira interrogação de G é feita por F com a asserção exemplificada em F97 (*barracas sujas tenho*). Finalmente F99 determina a ocorrência *barracas sujas* com o definido, marcando, assim, a operação de identificação qualitativa que reenvia essa ocorrência para a ocorrência construída na tomada de palavra anterior.

Na segunda sequência de exemplos, G104 pede a F que confirme não a existência ou a inexistência da ocorrência, mas a cardinalidade dessa ocorrência, evidenciada na tomada de palavra com a forma linguística *mais*. F105, por sua vez, satisfaz o pedido de G104 através da construção de um domínio nocional, em que é marcada a diferenciação das ocorrências deste domínio em relação a outros domínios possíveis, idênticos e não complementares. F105 delimita, assim, as ocorrências desse domínio como um conjunto de ocorrências quantitativamente definido (*só tenho umas*), podendo ser parafraseado como 'um e não mais do que um'. O valor deste determinante aqui é, assim, marcador não de extracção (um entre outros da classe) mas de 'quantidade', opondo-se a outros domínios construídos por todas as ocorrências possíveis da noção. Este valor de cardinalidade é confirmado por G106 que opõe a *umas* um outro cardinal (*duas*).

Conclusões

As diferentes operações de construção da operação de negação apresentadas acima poderão constituir o suporte para uma generalização sobre esta operação:

a) A operação de negação é simultaneamente uma operação primitiva e uma operação construída a partir de outras operações como percurso, ruptura, diferenciação, inversão do gradiente (num determinado domínio nocional), saída do domínio. (Culioli [1988] 1990: 95).

b) Os diferentes marcadores dessa operação ultrapassam os marcadores tradicionalmente definidos nas gramáticas como 'advérbios de negação', podendo ser analisados a partir da construção da existência do complementar linguístico, da construção de estrutura de polaridade negativa onde ocorrem os indefinidos *nada* e *nenhum* ou de uma estrutura tópico-comentário.

c) As construções resultantes desta operação só poderão ser analisadas a partir de uma proposta transcategorial.

d) As operações de determinação nominal são operações geralmente indissociáveis da caracterização da operação de negação. Os valores dos marcadores de determinação nominal (*um*, *o*, ø) são vestígios de operações (extracção, identificação qualitativa, percurso), verificando-se no *corpus* em análise que:

não existe correspondência biunívoca entre operações e marcadores

na construção de existência das ocorrências, a determinação é marcada, regra geral, pelo indefinido, marcador de extracção (um entre outros da classe)

na retoma da ocorrência, a determinação é marcada pelo definido (identificação qualitativa em relação a uma ocorrência já extraída)

na construção da inexistência da ocorrência, a determinação é marcada pelo determinante ø (marcador do reenvio de uma ocorrência à noção, ou marcador de percurso).

Notas

[1] Sobre a relação da negação com outras categorias gramaticais ver, entre outros, Culioli [1988]1990 e Moreno 1997.

[2] Sobre a definição dos valores do determinante ø em português, marcador de operações de determinação nominal, ver Correia 1994 e 1998.

[3] A análise que nos propomos fazer tem como suporte as propostas da Teoria Formal Enunciativa. Neste quadro uma noção é definida como "(…) um conjunto estruturado de propriedades físico-culturais, (…) A noção só é apreensível através das suas ocorrências linguísticas construídas na e pela enunciação. (…)" (Campos 1998: 39-40).

[4] "(….) para que as ocorrências abstractas da noção possam ser determinadas, associa-se à sua definição intensional uma definição extensional, pela construção da classe das suas ocorrências abstractas, isto é, do seu domínio nocional.(…)" (Campos 1998: 41)

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Mª H. C.

1998 *Dever e Poder.Um subsistema modal do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

CORREIA, C.

1994 "O valor do artigo **ø** em português" in *Actas do 9º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL: 131-144.

(1998) "O valor dos determinantes em Português Europeu" in *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza (Universitá di Palermo, Settembre 1995),* vol. III, Tübingen, Niemeyer.

CULIOLI, A.

[1988] 1990 "La négation: marqueurs et opérations" in *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*, Paris, Ophrys: 91-113.

MORENO, A.

1997 *Indefinidos, Negação e Determinação: contribuição para o estudo dos marcadores* ***nenhum***, ***ninguém***, ***nada*** *e* ***nunca***, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL. (não publicada).

Relatório anual de 1997 do Projecto CORAL – Corpus de Diálogo Etiquetado (Ref. 2/2.1 /CSH / 795/95).